

# **A REPÚBLICA, O “CORONÉ” E OS QUADRINHOS: UTILIZANDO AS “HQS” COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM DO CORONELISMO**

## **LA REPÚBLICA, EL “CORONÉ” Y LAS HISTORIAS CÓMICAS: EL ENFOQUE DEL “HQS” COMO HERRAMIENTA DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE EL CORONELISMO**

## **THE REPUBLIC, THE “CORONÉ” AND THE COMIC STORIES: THE “HQS” APPROACH AS A TEACHING AND LEARNING TOOL OF THE CORONELISMO**

**Patrick de Carvalho da Silva<sup>1</sup>**  

**Resumo:** A presente produção textual tem como objeto de análise a relação das histórias em quadrinhos como arquétipo a ser utilizado nas aulas de história. Como temática relacionada, utilizamos o Coronelismo e breves amostras de obras em quadrinhos que remetem ao período proposto. Tal abordagem mostrasse relevante diante dos desafios diários do desenvolvimento de metodologias de ensino aprendizagem em sala de aula. Utilizando-se de elementos culturais para contribuir na construção do conhecimento em aula (no caso, as histórias em quadrinhos), o artigo também irá dialogar com obras debatidas na disciplina História e Poder Local do Programa de Pós-Graduação em História – IHCEC - da Universidade de Passo Fundo – UPF.

**Palavras-chave:** Coronelismo; Quadrinhos; República

**Resumen:** La presente producción textual tiene como objeto de análisis la relación de las historietas como arquetipo a utilizar en las clases de historia. Como tema relacionado utilizamos

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Passo Fundo-UPF, IHCEC. 2023.1.

el coronelismo y breves muestras de obras cómicas que hacen referencia al período propuesto. Este enfoque sería relevante dados los desafíos diarios que implica desarrollar metodologías de enseñanza-aprendizaje en el aula. Utilizando elementos culturales para contribuir a la construcción de conocimientos en clase (en este caso, cómics), el artículo también dialogará con trabajos discutidos en la disciplina Historia y Poder Local del Programa de Posgrado en Historia – IHCEC - de la Universidad de Passo Fundo. –UPF.

**Palabras clave:** Coronelismo; Historietas; República

**Abstract:** The present textual production has as its object of analysis the relationship of comic books as an archetype to be used in history classes. As a related theme, we used Coronelismo and brief samples of comic works that refer to the proposed period. Such an approach would be relevant given the daily challenges of developing teaching-learning methodologies in the classroom. Using cultural elements to contribute to the construction of knowledge in class (in this case, comic books), the article will also dialogue with works discussed in the discipline History and Local Power of the Postgraduate Program in History – IHCEC - University of Passo Fundo – UPF.

**Keywords:** Coronelismo; Comics; Republic

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fundamentação teórica do ensino de história, assim como a metodologia aplicada a ela vem mudando conforme caminhamos rumo ao aprendizado. No decorrer das décadas o planejamento do ensino, eventualmente, teve uma influência significativa da política do país. A prioridade, após a proclamação da República de 1889, era a construção da identidade nacional através de um pensamento positivista no ensino onde eram exaltados os “heróis” nacionais e seus feitos políticos ou sociais. A metodologia abordada e inspirada nos moldes franceses era a tradicional onde o aluno apenas decorava a ordem cronológica dos fatos com suas datas e nomes de maior grau de importância. No Brasil, uma história voltada para uma formação moral e cívica (Bittencourt p. 61). Após a Revolução Francesa e a Comuna de Paris temos uma nova abordagem do ensino de História. Influenciada por ícones como Karl Marx e Friedrich Engels a abordagem anarquista do ensino histórico levava um conceito voltado à ideia de lutas de classes sociais e um conhecimento além dos induzidos pelo cerne político, saindo do âmbito

escolar e agregando visitas e excursões com os alunos assimilando a aprendizagem fora dos portões escolares. Ainda assim, segundo Bittencourt, era nítido o quanto prevalecia, na maioria das escolas, o decorar por decorar em que construir um senso crítico era irrelevante:

[...] Os métodos de ensino baseados na memorização correspondiam a um entendimento que “saber história” era dominar muitas informações, o que, na prática, significava saber de cor a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional. (BITTENCOURT, 2005, p. 69)

A abordagem atual do ensino de história, bem como suas práticas pedagógicas nos traz uma visão de uma ordem mais abrangente e nos instiga a refletir frente ao perigo de estarmos nos distanciando ainda mais do que existe de mais rico e particular envolvido no processo educativo da escola, que é a construção de um sentido humano para o ato de aprender e ensinar.

Em outras palavras, dá-se ao aluno a oportunidade de sentir-se parte integrante da história que a ele é apresentada no recorte proposto e agregar as tecnologias ao seu redor neste processo de aprendizagem. As histórias em quadrinhos são uma forma única de mídia que combina elementos visuais e textuais para contar uma história. Essa combinação torna as “HQs” (como é comumente conhecida), especialmente eficazes no ensino de história, pois oferecem uma representação visual dos eventos históricos e personagens, permitindo que os alunos se conectem emocionalmente com o material de estudo. Os elementos visuais, como ilustrações e quadros, ajudam os alunos a visualizar os contextos históricos de maneira mais vívida, tornando os eventos do passado mais tangíveis. As HQs são acessíveis a uma ampla faixa etária e habilidades de leitura, tornando-as ideais para o ensino. Elas podem ser usadas tanto em salas de aula de ensino fundamental como em níveis mais avançados de ensino superior. Para Santos,

Além disso, a História em Quadrinhos, como veículo de comunicação, tem ainda outras aplicações, seja como peça de marketing, seja como instrumento de transmissão de conhecimento e ferramenta pedagógica. É justamente a possibilidade de uso das HQs que necessita ser melhor compreendida e explorada por educadores, pais e membros de movimentos populares e comunitários. (SANTOS, 2001, p. 45)

Partindo deste princípio, utilizaremos como exemplo o uso das histórias em quadrinhos na temática do Coronelismo para uma transposição didática do ensino aprendizagem, permitindo que a leitura possa contribuir na elaboração de novas propostas e articular dimensões acolhedoras nas aulas de história

## RECORTE HISTÓRICO

O coronelismo é um fenômeno político que se desenvolveu no Brasil durante o final do século XIX e boa parte do século XX, especialmente nas décadas que se seguiram à proclamação da República, em 1889. Para contextualizar historicamente o coronelismo no Brasil, é fundamental compreender os eventos que o influenciaram, incluindo a transição da monarquia para a república e as mudanças socioeconômicas que ocorreram nesse período.

**Fim da Monarquia (1889):** a proclamação da República em 15 de novembro de 1889 marcou o fim da monarquia no Brasil, que havia perdurado por quase 70 anos desde a independência do país em 1822. A queda da monarquia resultou em uma mudança significativa no sistema de governo, substituindo o imperador por uma república presidencialista. Esse processo político foi marcado por conflitos e instabilidades. Com o fim da monarquia os militares assumem o poder, na figura do Marechal Deodoro da Fonseca em 1889, como um Governo Provisório.

**República Velha (1889-1930):** o período que se seguiu à proclamação da República ficou conhecido como a "República Velha" e foi marcado por uma série de características que influenciaram o surgimento do coronelismo. Durante a República Velha, o Brasil experimentou uma política de voto restrito, com o voto censitário e a exclusão da maioria da população, principalmente os menos favorecidos e analfabetos. O país vivenciou uma economia agroexportadora, baseada principalmente na produção de café, que estava concentrada em grandes propriedades rurais. A elite agrária tinha um papel dominante na política.

**Federalização e oligarquias regionais:** com a descentralização do poder político durante a República Velha, as oligarquias locais ganharam grande influência. Essas oligarquias eram geralmente lideradas por coronéis, que eram fazendeiros poderosos com controle sobre vastas extensões de terra e recursos locais. Esses coronéis exerciam uma influência considerável sobre a população de suas regiões, controlando o voto e mantendo um sistema de clientelismo e favorecimento político em troca de apoio eleitoral. Na República Velha também ocorreram o aumento de revoltas e conflitos rurais e urbanos como Canudos, Contestado, da Vacina, a Greve Geral 1917 e a da Chibata.

**Política do "Café com Leite":** durante grande parte da República Velha, o poder político foi dominado por duas oligarquias principais, a de São Paulo (representada pelo café)

e a de Minas Gerais (representada pelo leite). Essas oligarquias revezavam-se no controle da presidência do Brasil, em um arranjo conhecido como "política do café com leite", que garantia a alternância de poder entre esses estados.

Coronelismo e a estrutura social: o coronelismo estava enraizado em uma estrutura social hierárquica, na qual os coronéis detinham o poder político e econômico, enquanto a população rural estava frequentemente sujeita a relações de dependência e patronagem.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, até o fim da República Velha, nunca foi um estado dominante como São Paulo e Minas Gerais, economicamente era a “periferia”, pois não se orientava nem para exportação ou subsistência. Tal particularidade deve-se ao fato da geografia do estado, ocupar apenas 3% do território nacional e de certo modo longe dos movimentos do país. Há autores que acreditam que o sistema coronelista não fora tão expressivo e difundido em terras Rio-Grandenses. Maestri, por exemplo, afirma que

No Rio Grande do Sul, ao contrário de outras regiões, o poder estadual não estava apoiado nos grandes fazendeiros, investidos na chefia política municipal. Portanto, não conheceu o coronelismo tradicional da República Velha do resto do Brasil. Comumente, o chefe político municipal não era originário das classes médias profissionais, não o mais rico proprietário local. (MAESTRI, 2005, p. 54)

Embora o a ideia de que o Rio Grande do Sul não tenha participado abertamente de tal sistema seja ainda difundido ele não é unanimidade. Para Axt o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), estreitou o diálogo com os ideais coronelista. O autor afirma

Acredito que o PRR costurou mais compromissos conservadores do que progressistas, esteve longe das decantadas fidelidade partidária e coerência programática e esteve tão envolvido com as práticas coronelistas como qualquer outro agente político da época. Todavia o modelo político conhecido no Rio Grande do Sul apresentou inegáveis especificidades. A principal dela diz respeito ao quadro de institucionalização autoritária e de sistematização do discurso político-ideológico de justificação do regime o que trouxe consequências sobre a prática política propriamente dita. (AXT, 2007, p. 92)

Love (2006) destaca que as perseguições movidas por republicanos e contra-perseguições pelos federalistas trouxeram uma guerra civil entre 1893-1895, conhecida como Revolta Federalista, esta reivindicava por descentralização do poder, adoção de um sistema federal e parlamentar, além de quererem derrubar o então governador Júlio de Castilhos. Os veteranos da guerra governaram o Rio Grande do Sul por 33 anos, até o fim da República Velha

e, em consequência da derrota federalista, o governo consolidou um sistema político mais centralizador, concedendo mais autonomia aos coronéis liberais. Já em Pernambuco, por exemplo, Levine (2006), destaca que o estado começa a perder o poder político que possuía devido ao colapso da Monarquia em 1889, e a um federalismo desigual tendo como consequências imediatas a ineficácia em defender seus interesses contra os estados vizinhos. Também havia um controle coronelista de municípios rurais e “domínio” sobre os representantes dos estados do Norte e Nordeste. A curto prazo, isso gerou o descaso do Governo Federal e uma intervenção militar, bem como divisões políticas locais. Em contrapartida e espelhando o que ocorria no Rio de Janeiro, houve em Pernambuco um movimento tenentista liderado por militares de patentes mais baixas e que iam contra as ideologias coronelistas. Este movimento tinha o apoio do Tenente Cleto Campelo que era favorável à Coluna Prestes em sua visita ao Nordeste. Campelo acaba se tornando uma espécie de “guerrilheiro” contra o coronelismo, a República Café com leite e a elite oligárquica. As diversas crises internas entre Pernambuco e seus vizinhos traziam consigo o aumento da miséria extrema, intensificada pela seca, a fome e a violência sobretudo oriundos dos coronéis e do próprio estado, gerando o *Banditismo Social*, como o Cangaço (1890-1940).

De certa maneira, o cangaço trouxe momentos de trégua entre os estados do nordeste e um “auxílio mútuo” frente ao aumento do banditismo. Alianças eram firmadas para que as autoridades atravessassem de forma pacífica os seus limites territoriais na “caça” a cangaceiros. Para Levine (2006, p. 171), “um sistema federal descentralizado dificultou o crescimento de Pernambuco e, por sua vez, o desenvolvimento do Nordeste como um todo”. Queiroz (2006), destaca que analisar o coronelismo apenas sob uma perspectiva política, restringiria severamente a compreensão de um conjunto intrincado, impedindo uma apreensão mais ampla do objeto e sua evolução socio-histórica e política. Não houve um único fator o responsável, por exemplo, para a decadência da estrutura coronelística. Urbanização, crescimento demográfico e industrialização foram responsáveis por essa decadência. Mas o peso de cada um destes fatores e seu impacto sobre a estrutura de poder em questão variaram de região para região e de acordo com o momento histórico vivido. O fim do coronelismo não teria, portanto, uma data. Seria um processo que apresenta vários ritmos conforme a região do país estudada.

O poder dos coronéis foi um fenômeno complexo que persistiu até as décadas de 1930 e 1940, quando reformas políticas e sociais começaram a desafiar o sistema oligárquico e a

estrutura do coronelismo. A Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder marcaram o fim da República Velha e o início de uma nova era na política brasileira, com a implementação de reformas significativas. No entanto, as influências do coronelismo continuaram a ser sentidas em algumas áreas do Brasil por muitos anos após esse período.

## **O CORONEL, AS “HQs” E AS NOVAS ABORDAGENS HISTÓRICAS**

Os coronéis conquistaram poder em suas regiões através de uma combinação de fatores. Eles possuíam vastas extensões de terra e, conseqüentemente, tinham autoridade sobre a mão de obra rural e acesso a recursos naturais valiosos. Como proprietários das principais atividades econômicas da região, exerciam controle sobre empregos, crédito e acesso a bens básicos. Sobre esses senhores de terra, Pinheiro afirma que,

Os grupos privilegiados foram favorecidos pela estrutura federativa, que na Primeira República assumiu a configuração da “política dos governadores”, em que os situacionismos locais não eram contestados, e sempre puderam dispor de um governo federal inerte diante do poder arbitrário regional e local. Nesta época, amplas áreas do território rural foram abandonadas ao mandonismo e coronelismo local, pois o governo federal e os estaduais faziam vista grossa a seu arbítrio numa perversa delegação. (PINHEIRO, 2001, p. 269)

De igual poderio, estabeleciam relações de clientelismo, oferecendo proteção e favores em troca de apoio político e eleitoral. Na questão do voto, por exemplo, durante a República Velha, quando o voto era restrito e manipulado, os coronéis exerciam controle sobre as eleições locais, garantindo que seus candidatos fossem eleitos. Assim, os coronéis desempenhavam um papel central na política local, agindo como intermediários entre a população rural e o governo central. Os coronéis controlavam as máquinas eleitorais locais, determinando os resultados das eleições para cargos municipais e estaduais, mantendo um sistema de patronagem, no qual ofereciam empregos públicos, serviços e favores em troca de lealdade política e apoio eleitoral de seus seguidores. Além de influenciarem eleições locais, os coronéis também exerciam pressão sobre os legisladores estaduais e federais, o que lhes permitia influenciar a política em níveis mais elevados. Axt revela que,

Não obstante, o aparelho de Estado e o aparato burocrático não chegaram a ser infra-estruturalmente fortes o bastante para impor uma ditadura efetiva. A elite dirigente

precisava ainda negociar com os coronéis locais. As eleições, por exemplo, não poderiam ser organizadas sem o concurso habitual, do poder privado local. Da mesma forma, a defesa do regime nos momentos de crise mais aguda hegemonia, apenas poderia ser garantida mediante o concurso dos coronéis e de seus corpos provisórios (AXT, 2007, p. 126)

Existem, hoje, diversas obras em história em quadrinhos que nos ajudam a compreender a figura do coronel na história do Brasil, seja por uma obra mais caricata ou mais “fiel” aos documentos históricos, as HQs estão disponíveis em diversos gêneros, desde ficção histórica até biografias de figuras importantes da história, permitindo aos educadores escolher materiais que atendam aos objetivos específicos de aprendizado. Uma das maiores vantagens das HQs no ensino de história é o engajamento que elas geram. Os alunos muitas vezes se sentem mais atraídos por narrativas visuais do que por livros didáticos tradicionais, embora os livros didáticos tragam charges, ilustrações e pequenas tiras de quadrinhos, eles são abordados de maneira simples e pouco atrativa na maioria das edições. Os quadrinhos incentivam a leitura ativa, pois os alunos precisam interpretar visualmente os eventos e as relações entre personagens. Além disso, as conversas e discussões em sala de aula estimuladas pelas HQs podem levar a um aprendizado mais profundo e crítico da temática proposta.

Nos quadrinhos do personagem *Chico Bento* de Maurício de Souza, por exemplo, somos apresentados a uma figura “pitoresca” do coronel. Conhecido por muitos nomes, o *Coronel Agripino* tem a fama de ser egocêntrico e excêntrico (comprando até um elefante para a sua reserva particular). Mandão e que pouco interage com os personagens mais humildes do interior da Vila Abobrinha, o coronel Agripino aparece apenas quando precisa de votos dos eleitores dos sítios ou para se gabar de suas aquisições materiais. O personagem é dono de grandes hectares de terras e cabeças de gado que promete deixar para os seus quatro filhos. O seu predileto é sem dúvida o caçula, Genesinho, que tenta imitar o pai tanto na personalidade quando na maneira como trata os outros. Muito materialista, o seu único rival é o Chico Bento por conta de ambos gostarem da doce Rosinha.

Figura 1: Fotografia dos atores Augusto Madeira (Dotô Agripino) e Enzo Henrique (Genesinho)

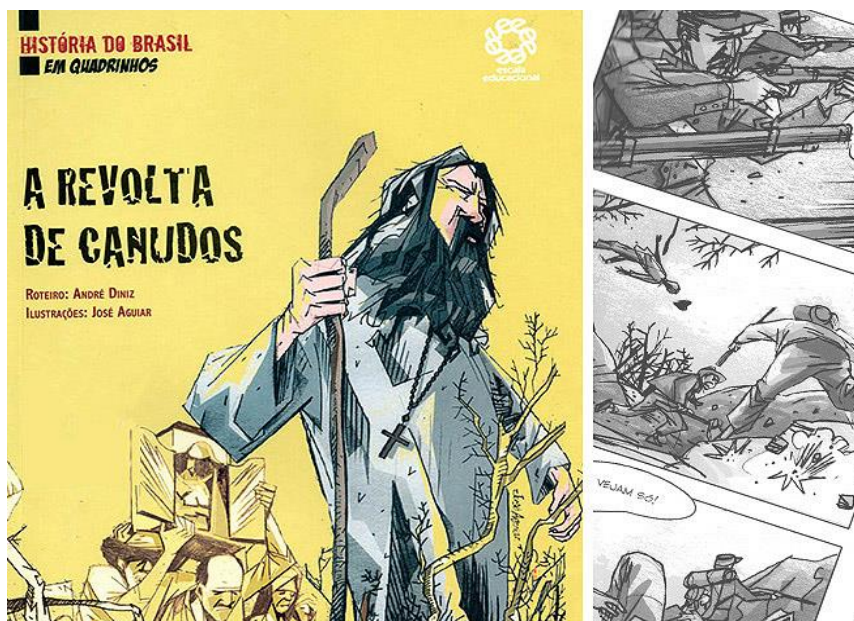


Fonte: [https://monica.fandom.com/ptbr/wiki/Chico\\_Bento\\_e\\_a\\_Goiabeira\\_Maravi%C3%B3sa](https://monica.fandom.com/ptbr/wiki/Chico_Bento_e_a_Goiabeira_Maravi%C3%B3sa)

As HQs oferecem uma oportunidade única para explorar narrativas diversas e representações históricas. Educadores podem escolher histórias em quadrinhos que abordem eventos e perspectivas menos conhecidas da história, promovendo uma compreensão mais holística e inclusiva do passado. Isso é fundamental para garantir que os alunos tenham uma visão equilibrada e completa da história. Além de serem usadas como material de leitura principal, os quadrinhos podem ser complementados com atividades e recursos adicionais. Professores podem criar planos de aula que incluam discussões em grupo, projetos de criação de quadrinhos pelos alunos e pesquisas sobre o contexto histórico por trás das histórias. Isso torna o uso das HQs ainda mais interativa e envolvente. O entendimento do real significado da metodologia do ensino de História, por exemplo, vem de encontro com os textos descritos por Berbel (1999) a um quadro que, nos últimos anos, os educadores mais atentos anseiam por mudar: a passividade do educando em apenas digerir o conhecimento, porém, sem saber ao certo como agregá-lo no desafio diário que a própria sociedade lhe impõe, além do papel real do professor quanto à zona de conforto (educador ativo vs. aluno passivo), no qual está inserido e como o ensino de História, enquanto disciplina, está integrado a este processo. Segundo Berbel, ainda vivemos uma educação tradicional a partir do momento em que não se explora

algo fora dos parâmetros do transmitir conhecimento, onde o aluno não passaria de um mero telespectador frente a um professor.

Figura 2: Ilustração - A Revolta de Canudos



Fonte: <http://quadrinhofilia.com.br/projetos/revolta-de-canudos/>

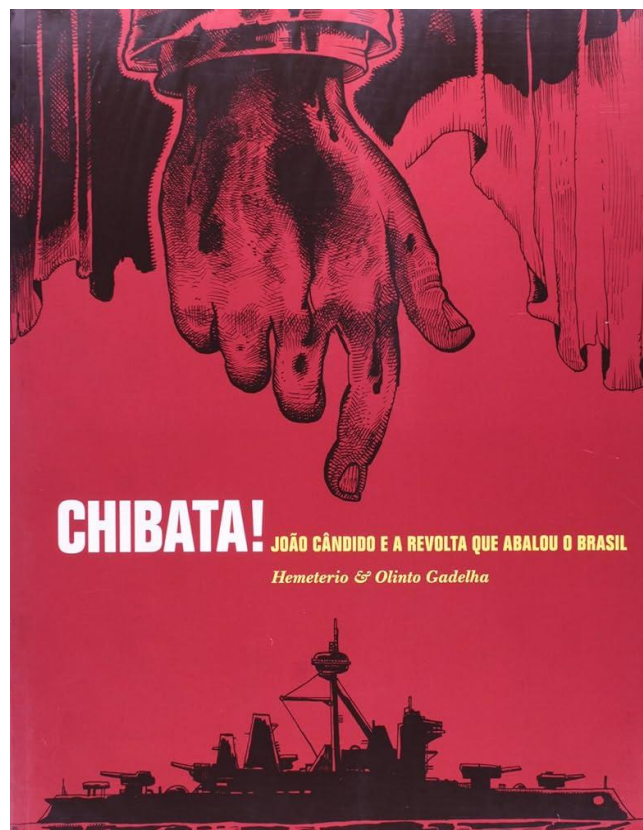
De fato, o que ainda vemos em pleno mundo interligado digitalmente são propostas didáticas onde o aluno apenas “decoram” o material que lhe é entregue limitando sua maneira de ver o mundo a apenas ganhar conhecimento com o objetivo de galgar uma vaga em universidades ou uma carreira de sucesso. Entretanto, sentir-se como parte de algo e como ele (indivíduo) pode, não apenas aceitar tudo de uma maneira passiva, mas ser instigado a investigar, pesquisar, problematizar e analisar o ambiente em que vive está fazendo parte cada vez mais frequente do cotidiano do aluno.

## RETIRANDO O CABRESTO DO LIVRE PENSAR

Podemos ressaltar que a escola não deve competir com as tecnologias, mas deve andar ao lado delas. Sempre existiram distrações para os alunos (os álbuns de figurinhas, os desenhos animados, as brincadeiras fora de hora e as conversas são apenas alguns exemplos). A tecnologia é hoje apenas uma nova distração e lazer para a maioria dos jovens. São distrações

potentes, pois hoje temos o mundo nas mãos, através dos celulares e redes sociais, porém, as tecnologias nunca vão substituir a figura da escola e a relação entre professor e aluno. Estas duas figuras humanas são as responsáveis por construir um sentido humano ao processo do conhecimento. Hoje sabemos que as relações humanas agregadas em sala de aula são fundamentais para dar sentido aos conhecimentos construídos em aula. A relação educativa é mais do que conteúdo, é sentimento humano de relação de aprendizado com outro ser humano.

Figura 3: Ilustração - Chibata de Hemetério e Olinto Gadelha



Fonte: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/mais-um-marco-da-historia-do-brasil-vira-hq-a-revolta-da-chibata>

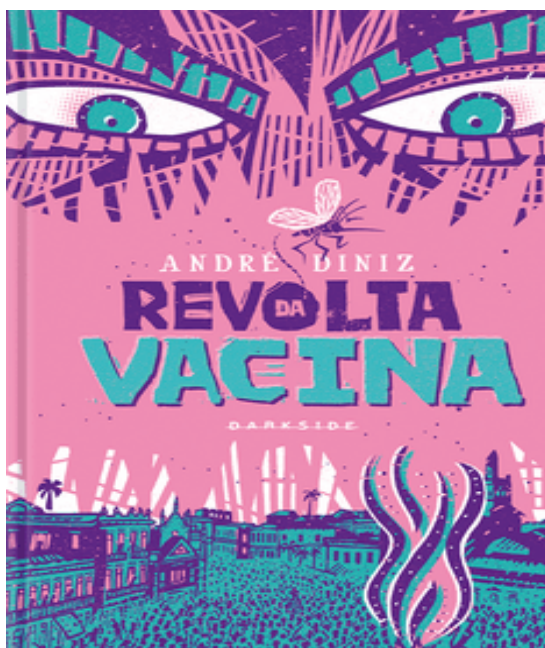
Para o escritor e também educador Rubem Alves:

Educar não é ensinar matemática, física, química, geografia, português. Essas coisas podem ser aprendidas nos livros e nos computadores. Dispensam a presença do educador. Educar é outra coisa. [...] A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. [...] Quem vê bem nunca fica entediado com a vida. O educador aponta e sorri – e contempla os olhos do discípulo. Quando seus olhos sorriem, ele se sente feliz. Estão vendo a mesma coisa. Quando digo que minha paixão é a educação estou dizendo que desejo ter a alegria de ver os olhos dos meus discípulos, especialmente os olhos das

crianças. (BIBLIOTECA de São Paulo, acesso em 2023).

Esta relação humana pode ser mais explorada quando analisamos a estruturação educacional através das visões de dois grandes pensadores do século XX: Jean Piaget (1896-1980) e L. S. Vygotsky (1896-1934) e como suas ideias influenciam não apenas a relação professor e aluno, mas também professores entre si, a metodologia aplicada, os conteúdos, as questões sociais e a problematização do próprio conteúdo. Para Piaget, a aprendizagem surgiria de forma espontânea a cada fase do desenvolvimento em períodos e estágios específicos e teria uma influência pequena sobre o desenvolvimento em si passando de uma etapa de menor conhecimento para outra de maior conhecimento caracterizado pela forma de agir e pensar nas diversas faixas-etárias.

Figura 4: Ilustração - A Revolta da Vacina<sup>2</sup>



Fonte: <https://darkside.blog.br/lancamento-revolta-vacina-andre-diniz/>

Já as ideias de Vygotsky argumentam que o desenvolvimento do indivíduo irá trazer variações em relação ao ambiente social no qual o mesmo está inserido. Isso se soma a ideia de que o aprendizado e o desenvolvimento andam em quase sincronia, influenciando uma a outra, nas relações sociais onde a criança vai interagindo com o outro e com isso desenvolvendo a sua

própria individualidade. A aprendizagem instiga ao conhecimento e neste sentido, podemos levantar questões para uma reflexão crítica a nossa docência trazendo os pensamentos de Piaget e Vygotsky para o nosso meio: É possível sair da rotina da velha aula do professor à mesa e os alunos à frente? Existe alguma forma de motivar os educadores a sair da sua “zona de conforto” para a construção de novas aulas? Aulas que precisam ir muito além de conteúdo, apontando para a reconstrução de sentidos humanos para a relação pedagógica são possíveis? Existe espaço na escola atual para a construção, manutenção ou mesmo ampliação dos espaços de formação pedagógica e principalmente de compartilhamento didático entre professores?

Indagamos que, para todas as questões apresentadas anteriormente, acreditamos ser possível responder de forma afirmativa, uma espécie de “sim” veemente. Um conceito que apontamos ser central na história da educação brasileira são as obras e a trajetória de Paulo Freire. Temos em nosso país o exemplo, segundo críticos e professores, de um educador engajado, que produziu novos caminhos no processo educativo, seja no seu papel como protagonista da luta pela erradicação do analfabetismo, criando os círculos de cultura e suas propostas de alfabetização como leitura do mundo ou ainda pela criação de novos conceitos que nos ajudam a refletir sobre as pedagogias vigentes e sua sólida proposta de educação para a emancipação social. O ensino de história não pode ser simplificado a uma mera linha de tempo ou servir apenas como base de decorar datas e ilustres personagens. Tal ensino precisa estar alicerçado na pesquisa e na produção construtiva do saber. Desta forma, o aluno é instigado a construir sua identidade histórica e discernir que as histórias individuais são parte de uma história coletiva.

Podemos, por exemplo, tratar do contexto do Cangaço e a figura de Lampião, como uma forma heroica de lutar contra as injustiças sociais, mas nessa perspectiva levantamos um herói (Virgulino Ferreira da Silva, vulgo, Lampião) e damos a entender ao aluno que ele precisará constantemente de um herói para salvá-lo e nunca que as mudanças podem ocorrer pelos movimentos de homens comuns. Se compreendermos, no entanto, que o Cangaço foi parte de um longo processo, anterior a independência do Brasil, até o final dos anos 1930, com o declínio e divergências entre os estados do Nordeste, que perdiam sua influência política e de poder financeiro mediante ao crescimento econômico do sul e sudeste.

Figura 5: Imagens organizadas pelo autor - Histórias em Quadrinhos sobre o Cangaço

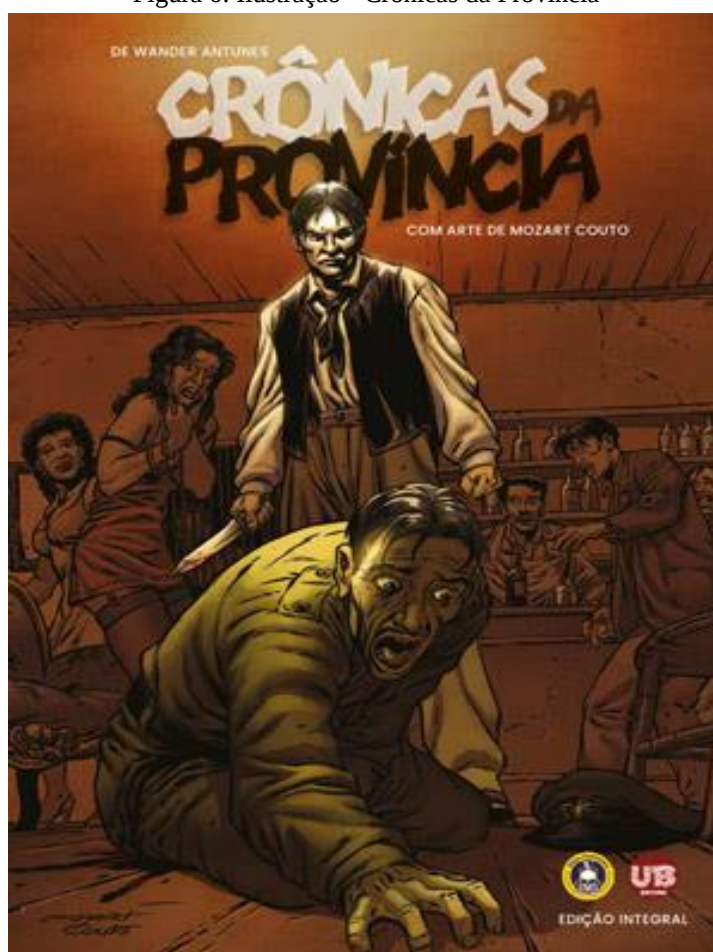


Fonte: material do autor.

Nisso, o poder local sofria influência do coronelismo que ganhava força no velho estilo “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. As grandes secas no Nordeste criam ondas de nômades que viajavam de região em região em busca de água, alimento e trabalho, sofrendo todo o tipo de abusos por parte dos grandes senhores de terra. Mas os cangaceiros eram heróis ou vilões? Era então comum, homens e mulheres neste contexto, ou se aliavam aos coronéis como seus jagunços que faziam o “serviço sujo” ou ainda se tornavam cangaceiros cometendo todo o tipo de crimes que incluíam roubos, estupros, assassinatos, cobranças de velhas dívidas de vingança, à ponta de faca e que também podiam ser contratados por coronéis. No caso de Lampião, para o sertanejo, sua figura simboliza a representação do “herói” por se recusar a servir aos coronéis, à sua devoção e fé, a doar com frequência dinheiro as igrejas e a não saquear pequenos comerciantes. Deixaremos as características de exaltar os grandes heróis nacionais e

conheceremos os personagens por detrás dos mitos construídos ao seu redor. O aluno, criticamente, pode construir e desconstruir a ideia desses heróis nacionais e como tais personagens não produzem a História e sim esta é que produz estes seres míticos. Para que os educandos possam interagir com este processo, se faz necessários que eles possam pensar historicamente, ou seja, mobilizar diferentes experiências humanas no tempo para compreender o tempo em que vivem hoje. Executar e dar vida a uma consciência histórica. Assim o aluno terá a capacidade de compreender as experiências humanas no tempo, tendo também a consciência de compreender essa experiência no seu tempo.

Figura 6: Ilustração - Crônicas da Província



Fonte: <https://editoratremfantasma.com.br/cronicas-da-provincia/>

A Educação para Autonomia, em linhas gerais, significa transformar os planos de aula em um sistema democrático, formado prioritariamente por aulas dialogadas, com conteúdos

desafiadores e pautados pelos interesses dos alunos e educadores em uma pluralidade cultural. O que o professor deve levar em conta ao selecionar uma história em quadrinhos, por exemplo, é o acesso ao cotidiano da vida dos alunos, descobrindo como fazer o aluno interagir e descobrir o caminho de se transformar em protagonista do aprendizado. O educador pode usufruir de uma infinita linguagem historiográfica se levar em conta de ir além dos livros didáticos utilizando-se das mais diversas fontes, recursos e estratégias para que os alunos possam fazer suas “pontes” entre o passado e o presente. Neste processo o professor não é o único protagonista do conhecimento em sala de aula, mas que o aluno tenha a liberdade para fazer, através da problematização do conteúdo, suas ligações entre o local, regional, nacional e global utilizando-se dos recortes históricos propostos. Para Freire (2011), tanto professor quanto alunos aprendem com o processo educativo, com a pesquisa e as novas descobertas, afinal de contas, o processo educativo para a autonomia se realiza por meio de trocas de conhecimentos.

Figura 7: Revista Zé Carioca, nº 1209. Ano 1975. Ed. Abril



Fonte: <https://www.raiolaser.net/home/2012/09/lixo-extraordinario-sobre-as-hqs-de-ze.html>

De fato, podemos considerar que a educação no Brasil passou por vários processos e

as metodologias do ensino de história moldaram-se ao desenvolvimento de nosso país, entretanto, a sociedade brasileira hoje parece buscar novos heróis e novas histórias dentro da História. Se antes os regimes e políticas moldavam o ensino, hoje o aspecto sociocultural se faz presente de uma maneira muito mais enfática. Os grupos étnicos como africanos, ciganos e indígenas, por exemplo, ganham os seus espaços no aprendizado didático de maneira a agregar tais povos ao contexto do aluno. O país passa por transformações a todo o instante e o indivíduo quer estar inserido de uma maneira mais presente neste contexto. Ao observarmos os futuros professores, agora ainda acadêmicos, dos cursos de história, podemos imaginar que país poderá vir a ser este, quando estes profissionais adentrarem as salas de aula. Teremos mais do mesmo ou o aluno será o centro da aprendizagem? Eis a questão!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, exploramos momentos em que as histórias em quadrinhos têm o potencial de revolucionar o ensino de história, tornando-o mais acessível, envolvente e inclusivo. Como exemplo, abordamos a temática do coronelismo e alguns exemplos em Histórias em Quadrinhos que trazem a figura do coronel como tema central ou aborda o contexto desse sistema. O legado do Coronelismo no Brasil é complexo. Por um lado, as figuras dos coronéis deixaram marcas profundas na política e na sociedade brasileira, moldando as estruturas de poder e contribuindo para desigualdades persistentes. Por outro lado, o enfrentamento ao Coronelismo e suas práticas clientelistas também deu origem a movimentos sociais e políticos que buscaram a construção de uma democracia mais representativa e inclusiva. No Brasil contemporâneo, ainda é possível observar vestígios do Coronelismo em algumas práticas políticas e sociais. No entanto, o país passou por mudanças significativas desde a época áurea do Coronelismo, com avanços na democracia, na participação política e na diversificação da economia. Incorporar estes e outros temas das aulas de história às HQs nas salas de aula permite que os educadores cativem o interesse dos alunos pela história, promovam uma compreensão mais profunda dos eventos passados e incentivem o pensamento crítico.

Combinando elementos visuais e narrativos, as histórias em quadrinhos criam uma conexão duradoura com o passado e ajudam os alunos a apreciar a complexidade e a diversidade da história humana. Portanto, as histórias em quadrinhos representam uma ferramenta valiosa

e versátil para o ensino de história.

## NOTAS

Figura 1: O filme “Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa” esta previsto para estrear em 2024. Um dos “vilões” do filme é baseado nas histórias em quadrinhos do Chico Bento. Trata-se do Coronel Agripino, rico dono de terras e gado. Com uma presença imponente e um nariz altivo, age como um indivíduo refinado e distinto, que está sempre atento ao título que recebeu e, por conseguinte, raramente é observado na convivência com os habitantes simples da roça. Seu filho, Genesinho, é mimado, arrogante e não suporta pessoas humildes como o Chico Bento. Disponível em: < [https://monica.fandom.com/pt-r/wiki/Chico\\_Bento\\_e\\_a\\_Goiabeira\\_Maravi%C3%B3sa](https://monica.fandom.com/pt-r/wiki/Chico_Bento_e_a_Goiabeira_Maravi%C3%B3sa)>. Acesso em: 20 set. 2023.

Figura 2: Com roteiro de André Diniz e ilustrações de José Aguiar, *A Revolta de Canudos*, exhibe a narrativa verídica acerca do povoado de Canudos, erguido no interior da Bahia no século XIX e destruído pelas tropas da recentemente estabelecida República. Antônio Conselheiro, uma figura enigmática com uma retórica e uma atitude de caráter messiânico, congregou os desiludidos ao longo de anos de peregrinação. Editora Escala Educacional. Disponível em: <<http://quadrinhofilia.com.br/projetos/revolta-de-canudos/>>. Acesso em: 20 set. 2023.

Figura 3: Chibata Graphic Novel – quadrinhos romanceados – dos autores cearenses Olinto Gadelha (roteiro) e Hemeterio (desenhos), adentra os eventos históricos e da ficção, a fim de recriar a Revolta Chibata (1910), durante o qual os marinheiros do navio Minas Gerais se insurgiram contra os castigos corporais, uma prática que na época era legalizada na Marinha do Brasil. Editora Conrad. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/quadrinhos/mais-um-marco-da-historia-do-brasil-vira-hq-a-revolta-da-chibata>>. Acesso em 21 set. 2023.

Figura 4: Na Graphic Novel intitulada “Revolta da Vacina”, André Diniz, escritor com uma bibliografia que ultrapassa trinta obras, narra a jornada de Zelito, um aspirante a ilustrador de charges que parte de Fortaleza em direção ao Rio de Janeiro e acaba se unindo aos insurgentes. Ed. Darkside. Disponível em: <<https://darkside.blog.br/lancamento-revolta-vacina-andre-diniz/>>. Acesso em 30 set. 2023.

Figura 5: Uma das histórias mais difundidas em HQs é sem dúvida a do Cangaço e a saga de Lampião. Existem versões romanceadas, biográficas, coloridas, em preto e branco e até no estilo mangá (história em quadrinhos japoneses).

Figura 6: Crônicas da Província de Wander Antunes (roteiro, cores) e Mozart Couto (arte), traz um pedaço da história da República Velha, sem os grandes nomes da história, mas expondo as feridas de onde alcança o chicote dos poderosos. Um perfil violento de uma época marcada pela moral elitista e o direito baseado na espingarda de coronéis e jagunços. Editora Trem Fantasma. Disponível em: <<https://editoratremfantasma.com.br/cronicas-da-provincia/>>. Acesso em 30 set. 2023.

Figura 7: Zé Carioca ed. 1209. “O sumiço dos herdeiros”. Segundo Marcondes (2012) Esta história vale-se de um sincretismo bastante bizarro, que associa o coronelismo arcaico brasileiro a uma certa aristocracia europeia, fazendo a casa do coronel parecer um castelo, e fazendo seus herdeiros parecerem, de algum jeito estranho, vassallos de uma casta nobre e digna. A história, portanto, desenvolve-se em exótica mistura do clima de uma fazenda no interior do Brasil, com direito a sotaque característico e comidas típicas, com romance de fantasmas europeu à Horace Walpole. [...] Este coronel, que usa chapéu, bengala, monóculo e bigodinho, propõe-se na história a ser um signo exótico, de um antigo conformismo paternalista com culturas brasileiras arcaicas, ainda num manso traquejo de favores entre uma cultura herdeira do escravismo (ou de um militarismo torpe e corrupto) e uma certa dignidade empostada perdida na contemporaneidade. Disponível em: <<https://www.raiolaser.net/home//2012/09/lixo-extraordinario-sobre-as-hqs-de-ze.html>>. Acesso em 02 out. 2023.

## REFERÊNCIAS

AXT. Gunter. **O Coronelismo Indomável: o sistema de relações de poder. In: República Velha (1889-1930).** Tau Golin (Org.) Tomo I, Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, Vol. 3. Passo Fundo: Méritos, 2007, 562p. Capítulo 3.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas; GIANNASI, Maria Júlia (Coord.) **A metodologia da problematização aplicada em curso de educação continuada e a distância.** Londrina: UEL, 1999. p. 29-59.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez Editora. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, os saberes necessários para a prática educativa.** 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

LOVE, Joseph et alli. **O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: História Geral da Civilização Brasileira.** Boris Fausto (Org.). Tomo III, O Brasil Republicano, Vol. 8, Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 466p. Capítulo 2.

LEVINE, Robert et alli. **Pernambuco e a Federação Brasileira 1889-1937. In: História Geral da Civilização Brasileira.** Boris Fausto (Org.). Tomo III, O Brasil Republicano, Vol. 8, Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 466p. Capítulo 2

MAESTRI. Mario. **Uma história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais.** Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, 140p.

MARCONDES. Ciro I. **Lixo extraordinário: sobre as hqs de Zé Carioca.** Raio Laser Quadrinhos Além.. 2012. Disponível em: <<https://www.raiolaser.net/home/2012/09/lixo-extraordinario-sobre-as-hqs-de-ze.html>>. Acesso em 07 set. 2023

MORRE Rubem Alves. **Biblioteca de São Paulo. São Paulo.** 21 de julho de 2014. Disponível em: < <https://bsp.org.br/noticia/morre-rubem-alves->>. Acesso em: 05 set. 2023

QUEIROZ, M. I. P et alli. **O Coronelismo numa interpretação sociológica. In: História Geral da Civilização Brasileira.** Boris Fausto (Org.). Tomo III, O Brasil Republicano, Vol. 8, Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 466p. Capítulo 3

PINHEIRO. Paulo S. **Transição Política e Não-Estado de Direito na República. In: Brasil: um século de transformações.** Ignacy Sachs (Org.). São Paulo, Companhia das Letras. 2001.

SANTOS. Roberto E. **Aplicação da História em Quadrinhos. Comunicação & Educação.** São Paulo, (22): 46 a 51, set./dez. 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995>>. Acesso em: 05 set. 2023.